

PAINEL DE AZULEJOS EXISTENTE NO ANTIGO CAFÉ “MANDARIM”

DE VASCO BERARDO



Foto de Varela PèCurto (cedida pela Imagoteca)

Introdução

O presente documento, relativo ao Painel de Azulejos de Vasco Berardo existente no antigo Café Mandarin, sito na Praça da República n.ºs 13 a 15, foi elaborado com base na informação técnica da Dr.^a Isabel Policarpo (Mestre em História da Arte e Técnica Superior da extinta DRCC) e da publicação de 1996, titulada “Vasco Berardo, 45 anos de vida artística”, da Casa Municipal da Cultura.

1. Vida e obra de Vasco Berardo

Vasco do Vale Berardo de Andrade nasceu a 5 de novembro de 1933, em Coimbra, na Rua Bernardo de Albuquerque, cidade onde veio a falecer a 1 de julho de 2017.

Fez a instrução primária na escola de Celas, e com apenas 12 anos de idade vai frequentar o atelier do Mestre José Contente (1907-1957), com quem teve aulas particulares, onde começa a aperfeiçoar as técnicas de desenho e gravura. Inicia, entretanto, o curso de cerâmica no Centro Escolar n.º 1 da Alta de Coimbra, que virá a ser a Escola de Desenho Industrial e Comercial de Avelar Brotero, “onde, desde logo, se salienta a sua real potencialidade de artista”.

Em 1946 ganha o 1.º prémio de desenho no Salão Provincial de Educação Estética, e, nesse mesmo ano, começa a trabalhar na Estatuária Artística de Coimbra.

Em 1948 vai trabalhar para uma fábrica, a Cerâmica de Souselas, onde irá permanecer até aos 16 anos, no sentido de se poder dedicar mais intensamente à cerâmica artística e de conhecer as técnicas utilizadas.

Segundo as informações disponibilizadas, terão contribuído para o seu enriquecimento profissional os mestres Manuel Pereira, oleiro, António Vitorino, aguarelista, e o arquiteto Fernandes.

Juntamente com outros jovens artistas, vai fundar o grupo denominado “Os Novos de Coimbra”, com os quais participará em várias exposições coletivas entre 1951 e 1956.

Após cumprir serviço militar em 1954, vai trabalhar no atelier do seu irmão José Berardo, realizando trabalhos de cerâmica, e colaborar na ilustração de poesia, bem como na capa de livros para a revista Vértice.

Em 1956 realiza o seu primeiro mural cerâmico, de influência neo-realista, “Os Carregadores”, para os Estados Unidos da América, e em 1959, executa então o painel de azulejos para decorar o então Café-Restaurante Mandarin.

A sua vida profissional prossegue ao sabor das encomendas, faz, por exemplo, decoração de pavilhões industriais e estabelecimentos comerciais, mas também seguindo a sua própria vontade com artista.

Em 1961 abre a fábrica “Faianças Berardos”, em Taveiro, com o seu irmão Alberto Berardo, onde executa o seu primeiro trabalho em baixo-relevo para a residência do jornalista Rocha Pato.

Em Junho de 1962, devido às convulsões da época, é preso com um grande grupo de Coimbra. Esteve detido na PIDE, sendo depois transferido para Caxias, onde permaneceu três meses, e, finalmente, para o Aljube, onde continuou detido até Dezembro do mesmo ano.

Em 1965 surge a sua primeira exposição individual. Exatamente quando os seus trabalhos de pintura e escultura começavam a notabilizar-se e a serem discutidos, sai de Coimbra, em 1967, e fixa residência em Lisboa, onde procura outros rumos. Aqui, terá grande atividade no sector da publicidade.

Em 1968 abandona a capital e instala-se numa quinta nas proximidades de Águeda, Cabanões. Inicia então uma série de experiências em madeira e metal martelado, obtendo nessa altura numerosas encomendas de trabalhos de grandes dimensões, nomeadamente para a Capela do Colégio São Teotónio, em Coimbra.

Em 1969 faz uma digressão ao Canadá, visitando vários centros culturais, sentindo-se fortemente atraído pela Arte Esquimó. Vende bastante obra de pintura e escultura a particulares. Realiza ainda a decoração do Fundo do Fomento Português na cidade de Montreal. Nesta mesma cidade desenha móveis de estilo para entalhadores e marceneiros portugueses residentes naquele país.

Do Canadá vai aos Estados Unidos, Angola e Moçambique e regressa a Portugal.

Regressado a Portugal, em 1971 executa o seu primeiro trabalho de medalhística, arte onde virá a ter especial distinção, sendo convidado para trabalhar com o Gabinete Português de Medalhística de Lisboa, e, em 1973, para a Galeria Pisanello. Nesta mesma data, faz a medalha do 600º Aniversário da Aliança Anglo-portuguesa pela qual recebe um louvor na Câmara dos Lordes, e, ainda nesse ano, efetua o mural cerâmico do Restaurante Tricana em Coimbra.

Abre em 1974 uma Galeria de Arte, EGIDE, e um atelier que acaba por encerrar no fim do mesmo ano, devido aos acontecimentos do 25 de Abril, e volta a Cabanões. Regressa, ano e meio depois, a Coimbra.

Voltando à medalhística, em 1975 ganha o 1º Prémio Internacional da Medalha da Polónia, com a medalha “Os Direitos do Homem”, participando em certames internacionais, em 1978 inicia a sua colaboração com a Medalharte de Coimbra ‘e a Galeria da Arte da Medalha no Porto, em 1982, é editado pela Livraria Almedina, “Os Cavaleiros do Apocalipse”. São-lhe adquiridas tapeçarias para Inglaterra.

Em 1983, o Gabinete Português de Medalhística solicita-lhe uma coleção de 15 medalhas com os principais monumentos de Lisboa, Porto e Coimbra, a que se seguem 5 medalhas sobre os Mosteiros de Portugal, 15 medalhas sobre Mitologia (não editadas), em 1984/85, 20 medalhas sobre Castelos Portugueses, em 1987 a coleção de 10 medalhas “As Sés Portuguesas”, na altura em que se celebravam os 900 anos da Sé de Braga, e de 4 medalhas sobre os “Quiosques Portugueses” de Lisboa, em 1990 executou a medalha dos 700 anos da Universidade de Coimbra, em 1994 várias medalhas das quais se destaca a do Curso Jurídico de 1954, em 1996, a medalha dos 70 anos da Ordem dos Advogados, pela qual recebeu um Louvor, e 12 medalhas sobre os Signos Ocidentais, em 1999/2000, 10 medalhas para o Gabinete Português de Medalhística sobre os 500 anos dos Descobrimentos do Brasil, ainda em 1999, a medalha comemorativa dos 500 anos da Santa Casa de Misericórdia de Coimbra.

Paralelamente mantém intensa atividade, quer a nível da cerâmica, quer da pintura, passando também pela tapeçaria e pela escultura.

Em 1985 executa o mural para o edifício “Fernão de Magalhães” em Coimbra, em 1990, um outro para o Centro Hospitalar de Coimbra (Hospital dos Covões), um mural de 27 metros quadrados para o Palácio da Justiça de Montemor-o-Velho, e, já em 1991, um mural de 28 metros quadrados para o Centro Cultural D. Dinis, por encomenda dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, e um outro para o painel fronteiro do edifício Cruzeiro no Largo de Celas, em Coimbra, por encomenda da firma construtora do imóvel, Construções Ramos de Carvalho, com área de 40,80 metros quadrados, sobre as religiosas do Mosteiro de Celas. Em 1993 executa um mural com 58,5 metros quadrados com temática regional por encomenda da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, em 1994, o mural do átrio da entrada da Unidade

de Queimados dos Hospitais da Universidade de Coimbra, com 6, 7 metros quadrados, em 1995, telas de grandes dimensões para a Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto, e em 1996, murais de azulejos também para esta escola, neste mesmo ano um mural para o pórtico da Igreja dos Franciscanos na Avenida Dias da Silva, em 1997, um outro para o Centro de Dia do Barco na Covilhã, ano em que a Câmara Municipal de Castanheira de Pera também lhe encomenda um mural em azulejo e um grupo escultórico em mármore, em 1999, executa 12 painéis em azulejo com os temas “O Pão”, “O Azeite” e o “Vinho” para uma das cantinas universitárias encomendados pelos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, e dois murais em azulejo para a Igreja de São José de Coimbra.

Pelo meio, são sucessivas as encomendas de cartazes evocativos, como o das Festas da Rainha Santa ou o dos 700 anos da Universidade de Coimbra, telas, como a adquirida pela Secretaria de Estado da Cultura em 1989, a efetuada para uma coleção particular em 1991, com 1,70 m por 1,40 m, em 2006 faz um mural para o jardim da sua residência em Ceira “Historia da Borboleta Rara”, em 2007, dois murais cerâmicos para as novas instalações da Ordem dos Enfermeiros da Zona Centro, e em 2008, mais um mural para o jardim da sua residência em Ceira “A Bomba”.

A par da cerâmica, mantém sempre a atividade da pintura, continuando a realizar exposições individuais e coletivas; destacam-se obras como em 1989, a “Mulher do Mercado”, “Sesta do Pastor”, “Eucaliptos”, “Abraços”, “A Família do Coronel e as Plumas do Chapéu da Mamã”, “Os Rapazes do Metro”, as séries, “O Pescado”, “Os Fantasma”, “Venha Ver”, arte a que se dedica em exclusivo entre 2009 e 2012, ano em que se realça a homenagem de um grupo de amigos no Centro Cultural D. Dinis.

No que concerne à escultura, são diversos os bustos e estátuas que realiza por encomenda, realçando-se, logo em 1967, as esculturas em madeira para a Capela do Colégio de São Teotónio em Coimbra, em 1984 a cabeça do poeta Afonso Duarte, em 1985 o busto do Professor Doutor Vieira de Carvalho, em 1993 o monumento em granito dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Arganil Comendador Pereira da Cruz e Senhora, em 1996 a máscara do Professor Santos Bessa, bem como o busto e a medalha de Arnaldo Tavares, sócio da Recauchutagem Seiça da Marinha Grande, em 1998 e Fundação Bissaya Barreto encomenda-lhe a execução da estátua do patrono Professor Bissaya Barreto, em 1999 o busto do patrono Manuel Madeira para a empresa Madeira & Madeira, e a estátua de homenagem ao Bombeiro Voluntário em Águeda, e ainda o busto do Dr. Armando Gonçalves para o Centro Hospitalar de Coimbra (Hospital dos Covões), em 2001 executa a escultura “O Piano” para a Praça da Canção em Coimbra, em 2020 a estátua de São Bento Menni para a Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, e em 2005, a escultura do Padre Manuel Antunes e parque envolvente – o “Jardim dos Ensinos”, na Sertão.

2. Painel de azulejos do antigo Café-Restaurante “Mandarim”

caracterização histórico-cultural e social

O Café-Restaurante Mandarim, com projeto e decoração do Arquiteto Carlos de Almeida, foi inaugurado em 1960. Para o mesmo foi feita uma encomenda a Vasco Berardo, de um painel de azulejos de grandes dimensões, que foi executada pelo artista aos 25 anos de idade, entre 1959 e 1960.

Este foi o segundo painel cerâmico executado pelo artista, que em 1956 realizara o seu primeiro mural cerâmico, de influência neo-realista, “Os Carregadores”, para os Estados Unidos da América.

Esta obra espelha assim a aprendizagem artística, a capacidade técnica e o percurso artístico dos anos iniciais da obra de Vasco Berardo, retrata uma época da evolução da pintura em Portugal, e apresenta, paralelamente, grande significado, quer para o ambiente político social conimbricense, quer mesmo como manifestação contra a ditadura vigente em Portugal.

Tanto o Arquiteto Carlos de Almeida, como o artista Vasco Berardo, são presos pela P.I.D.E., respetivamente em 1960 e em 1961/62, sendo que Berardo esteve preso durante sete meses.

Seja por esse motivo, seja pelo facto do então Café-restaurant Mandarin se ter imposto como local privilegiado de encontro da “nata” universitária que manifestamente demonstrava oposição ao Estado Novo, na cidade de Coimbra, este painel, que opõe a vida devassa das elites burguesas ao trabalho árduo do povo, veio a tornar-se uma marca identitária, com significativa presença na memória coletiva da massa estudantil empenhada politicamente que por aqui passou.

Paralelamente, a tipologia construtiva do café em si, inseria-se numa reforma e modernização do espaço urbano da cidade na década de 60 do século XX, nomeadamente com a construção dos edifícios tão próximos, como o da Associação Académica de Coimbra, cuja importância arquitetónica e significado histórico-cultural e social ocupou um papel primordial no contexto da cidade, que, “ainda não refeita da brutal destruição da Alta”, estava “avessa a tudo o que fosse novo e desconfiada de tudo o que transpirasse modernidade”.

caracterização artística

Desde meados do século XX que em Portugal era notória a ânsia de originalidade por parte dos então designados por “independentes”, aqueles que se diferenciavam no panorama artístico nacional. A ação dos modernistas, num ambiente cultural dominado pelo gosto naturalista, de remota proposta romântica, estava em sincronia com as vanguardas internacionais.

Por volta de 1940/45, é nítido um declínio das vanguardas e uma vontade de rutura com o impressionismo, o futurismo, o cubismo, o abstracionismo, o purismo, o expressionismo, o surrealismo, o neo-realismo, e por aí adiante, mas entretanto, o novo empenho expressivo conjuga-se a partir de então com uma nova lucidez crítica que permitiu olhar para trás e recuperar as esquecidas.

Nos anos 60 do século XX, os mais decisivos da arte portuguesa depois dos anos 10 no início do século, renova-se a multiplicação das possibilidades artísticas, com grande abertura formal e temática e diferentes tendências. O fator migratório foi um estímulo essencial de mudança da prática e do (auto)conhecimento da arte portuguesa.

Surge uma forma diversa de apresentação das imagens, segundo um novo conceito de figura-objeto, com a instauração definitiva da indiferenciação nas linguagens, o recurso a temáticas de um quotidiano subjetivizado, a sua organização em espaços cenográficos, a construção de um tempo narrativo, que vai provocar ruturas críticas e de gosto e levar ao neofigurativismo.

No que concerne à azulejaria, só a partir dos anos 40 e 50 do século XX, é que a linguagem contemporânea entrará na azulejaria portuguesa (nos anos 40, com Jorge Barradas, Almada Negrais e Vieira da Silva), assistindo-se nos anos seguintes à renovação da linguagem ornamental e figurativa da azulejaria.

Neste painel azulejar, alegoria à sociedade, em que na zona superior há uma referência ao esforço do trabalho e da atividade do povo como suporte da vida, e, na zona inferior, alusão à boémia e diversão das elites burguesas, a construção dos volumes do corpo associa-se à presença de sensualidade e volúpia nas formas, em que o corpo é tomado como modelo direto de representação.



estado de conservação do painel

Da visita ao local e de acordo com a informação prestada pela Associação Vasco Berardo, o painel de azulejos encontra-se, na globalidade, em bom estado, não tendo sofrido descaraterizações no decorrer dos sucessivos encerramentos e reaberturas do espaço, e das intervenções daqui decorrentes.

3. *Fotos de outras obras de Vasco Berardo*



1973 | Av. João das Regras nº 118, Coimbra



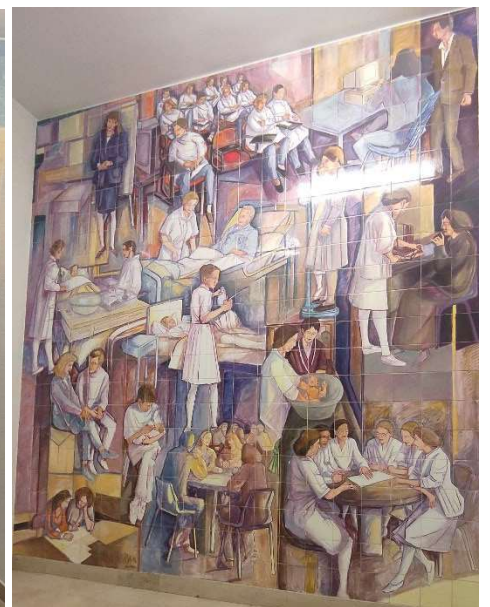
1990 | Hospital dos Covões



1991 | Edifício Cruzeiro, Cruz de Celas, Coimbra



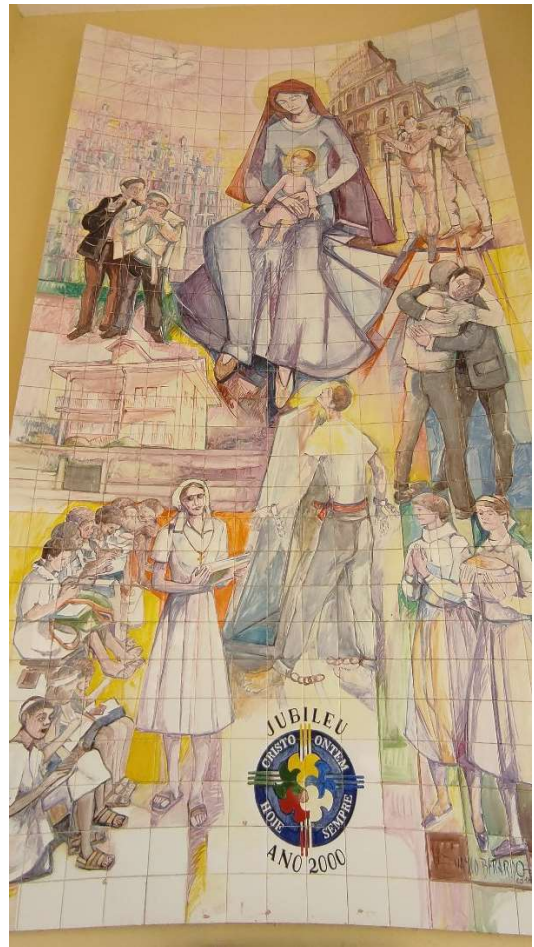
1995 | Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto



1996 | Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto



2000 | Igreja de S. José



2007 | sede da Ordem dos Enfermeiros em Coimbra



Vitrail existente no Colégio das Artes, Universidade (espaço D. Dinis)



2024/4/18 10:32



2024/4/18 10:33



2024/4/18 10:33

Colégio das Artes, Universidade (espaço D. Dinis)



Foto de Varela PêCurto (cedida pela Imagoteca)

Margarida
Roque

Assinado de forma digital
por Margarida Roque
Dados: 2024.12.05
17:25:27 Z

Margarida Roque, trabalhador/a n.º 2128
Técnica Superior